

Nietzsche e Castañeda – O niilismo e o caminho do guerreiro

Ulisses de Oliveira Barbêdo Ponte

Mestrando em Antropologia Social

PPGAS – UFSCar

Resumo: Neste trabalho procuro desenvolver dois temas como eixos de análise para o desenvolvimento de uma proposta teórico-metodológica para a antropologia: o niilismo, sob a perspectiva nietzscheana, e o “caminho do guerreiro”, conforme demonstrado por Carlos Castañeda. Seguindo estes dois eixos de análise, procuro demonstrar como certos modos de pensamento se relacionam com o mundo e produzem uma ética de vida voltada para uma interpretação não apenas racional das forças que se manifestam neste mundo.

Na obra de Nietzsche, o niilismo ativo sugere que todos os valores morais criados pelos homens são falsos, mas ainda assim, nesta forma de niilismo o homem buscaria afirmar os acontecimentos da vida. Sob esta perspectiva, todos os significados que damos para o mundo seriam falsos, e o próprio processo de significação seria falso, assim como o próprio signo. Seriam falsos no sentido de não terem nada em comum com a própria natureza, não seriam *da* natureza. No entanto, este niilismo aparece na sua obra como uma ética da afirmação e da alegria.

Na obra de Carlos Castañeda aparecem os conceitos de *tonal* e *magical*. O primeiro se refere ao conjunto de elementos que cada homem carrega estruturado na sua subjetividade; um inventário de signos. Enquanto o *magical* se refere a um mundo não estruturado, porém entendido como real; um mundo mais próximo do caos do que da ordem, mas que pode ser experimentado, e mais, seria o caminho para o “conhecimento”. O “caminho do guerreiro” seria o modo mais eficaz de organizar o *tonal* para garantir a “energia” necessária para penetrar no *magical*. Ao “guerreiro” é ensinado “desligar o seu diálogo interior”, ou seja, ele deve aprender a ver o mundo sem racionaliza-lo. Um dos meios para consegui-lo seria “apagar a história pessoal”, o seu conjunto de significados.

Ambos os autores apresentados sugerem uma ética de comportamento voltada para a quebra com a racionalidade. Ambos sugerem que o homem pode atingir novas potências, que o homem seria infinito em possibilidades. Nestes autores, todos os mundos são falsos e, no entanto, verdadeiros. Proponho uma discussão sobre o fazer etnográfico a partir dos dois temas expostos.

Palavras Chave: Niilismo. *Tonal* e *Magical*.

Proponho, como tema deste trabalho, uma associação entre o pensamento de Nietzsche e os ensinamentos do personagem Don Juan, na obra de Carlos Castañeda. A partir destes dois sistemas de pensamento, proponho, mais adiante, uma problematização de alguns aspectos da produção de um trabalho antropológico, no que concerne ao seu desenvolvimento, método e teoria. De uma maneira bem geral, o que pretendo demonstrar são algumas das diferentes questões que podemos tocar, a respeito da antropologia, quando nos associamos a formas de pensamento artísticas, filosóficas, e, até mesmo, literárias. Sob o ponto de vista de formas de conhecimento não tão próximas da ciência e da antropologia, podemos vislumbrar diferentes níveis de problemas acerca das mesmas. Diante de uma infinidade de questões, problemas, inquietações e dramas que podem surgir com este qualidade de associação – Nietzsche, Castañeda e Antropologia – destaco dois temas principais como eixo de referência, pois entendo que o número de problematizações que poderiam aparecer é infinito. 1-) O Niilismo, conforme as configurações que este conceito assume na obra de Nietzsche; 2-) e o “Caminho do Guerreiro”, ou seja, uma série de preceitos e ensinamentos passados de Don Juan para Carlos Castañeda. Portanto, este trabalho faz um recorte, que poderia ser outro, mas que recobre, de maneira que considero muito interessante, o nosso próprio mundo de antropólogos. Deixo claro que este trabalho é um experimento, no qual aglutino os elementos colocados, sem ter muita certeza do resultado final.

Nietzsche é um filósofo das forças, é um pensador das forças, no sentido que, para ele, todas as formas de vida, todos os valores morais criados, seriam produtos da relação entre forças. Quais forças? Na obra de Nietzsche, existiriam duas forças que constituem todo e qualquer corpo: forças reativas e forças ativas. Para Nietzsche, qualquer organismo vivo possuiria essas duas forças, e, a relação entre elas conduziria a vida desse organismo. A força reativa possuiria uma função de preservação do organismo, uma força da conservação, enquanto que na força ativa, a única função que aparece é a de criar, de produzir novas formas, uma força plástica. Nietzsche considera a força reativa uma força da obediência, uma força escrava; e a força ativa como uma força nobre e conquistadora, uma força senhora. Seriam estas forças que estariam por trás de todos os valores morais. Nietzsche, assim, estabelece os parâmetros pelos quais vai constituir uma crítica a moral, seus conceitos querem expressar não um conteúdo, mas

um elemento diferencial¹, que o permitirá julgar determinados valores. *Senhor e escravo* não constituem valores para Nietzsche, mas uma forma ética de valorar o próprio valor.

Dizer que Nietzsche é um pensador das forças equivale a dizer que ele é um pensador da vida. Ele tomará a vida, a relação entre forças, como parâmetro para pensar a moral, ou seja, a moral não pode avaliar a vida, é a vida que vai avaliar a moral. Se a vida, tomada como pura relação entre forças, é o valor dos valores, então os valores criados, os sentidos que damos ao mundo, o significado que damos as coisas, seriam todos eles questionáveis. No fundo, toda maneira de dar algum sentido ao mundo, às coisas concretas, seriam uma forma de negar o próprio mundo, seriam indícios de niilismo. Quero dizer que todo o processo de significação, sob uma perspectiva nietzschiana, seria um processo de criação de um falso, de uma mentira. Porém, veremos também que não importa realmente se o valor criado é falso ou não, o que importaria seria a potencia, a qualidade desse falso.

Neste momento forçarei alguns conceitos; forçarei no sentido de que não se pode dizer que são conceitos apreendidos rigorosamente. Isto se deve ao formato deste trabalho, demasiado curto, mas ambicioso. Forçarei o conceito de “niilismo” em Nietzsche. Este tema de sua obra pode ser interpretado de muitas maneiras, sem dúvida, mas o que me interessa é fazer passar um certo entendimento, não exatamente do conteúdo do conceito, mas do que ele pode nos revelar. Portanto, será inevitável qualquer tipo de controvérsia, mas, ainda assim, acredito que é possível transmitir algo de “útil” a partir dessa exposição duvidosa do conceito de niilismo.

Na obra de Nietzsche seria possível identificarmos pelo menos quatro tipos de niilismo, que apareceriam também como quatro estágios, nos quais o niilismo passaria para superar a si mesmo. A primeira forma de niilismo seria denominado niilismo negativo: uma associação da força reativa com a vontade negativa (ou vontade de nada). É o niilismo que Nietzsche identifica no platonismo e no cristianismo: os homens inventariam uma espécie de mundo novo onde habitariam Deus, o Bem e a Verdade. É o niilismo do homem que produz outra vida além da terra, daquele que julga a vida

¹ “A avaliação se define como o elemento diferencial dos valores correspondentes: o elemento crítico e criador e criador ao mesmo tempo. As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou do nosso estilo de vida. Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar ‘baixamente’, de viver ‘baixamente’. Eis o essencial: *o alto e o baixo, o nobre e o vil* não são valores mas representam o elemento diferencial do qual deriva o valor dos próprios valores” (DELEUZE, 4:2006)

através de valores “superiores” a vida. Nesta espécie de niilismo é possível destacar com clareza três conceitos, três vontades, que estariam por trás da vontade de nada: o Ressentimento, a Má Consciência e o Ideal Ascético. O Ressentimento seria a razão da negação dos valores aristocráticos, seria fruto de um ódio contra a realidade, uma espécie de *má digestão*. A Má Consciência seria a própria negação dos instintos, negação imposta pela ordem social vigente: a livre expressão da força, dos instintos, é interpretada como má, e seu possuidor como culpado. A Má Consciência impõe a culpa, é a prática do sacerdote, aquele que interioriza a culpa e a dor. O Ideal Ascético aparece como um combate a própria vida, como um sacrifício de si mesmo, fruto de uma interpretação da vida como algo degenerado e que precisa ser curado, uma espécie vontade de espiritualidade. Todos estes conceitos aparecem relacionados à força reativa.

Um segundo momento, o da radicalização do niilismo, é denominado niilismo reativo. É o niilismo do mundo moderno, caracterizado pela desvalorização e pela crítica aos valores “superiores” – eternos e imutáveis. É o momento que Nietzsche constata a *Morte de Deus*. Este tipo de niilismo também é caracterizado pela necessidade de suprir a ausência deixada pela morte do deus cristão, e, no seu lugar, apareceria algo que ordenasse o mundo, algo que os homens possam ter como referência e que possam se entregar para ele, ideias como: Progresso, Razão Moral, Ciência, Democracia, Socialismo, entre muitas outras. São os ideais do homem moderno – Igualdade, Direitos Humanos, Liberdade, Positivismo, melhora do homem, etc. É a passagem do domínio da forma Deus para o domínio da forma Homem.

No momento em que o homem nega também estes valores modernos, aparece um terceiro tipo de niilismo: o passivo. É o momento em que o homem não suporta mais que não haverá o progresso, o aperfeiçoamento do homem, etc. Aqui, o homem não tem mais esperanças, não acredita em Deus nem no Progresso, considera com tristeza que o homem não deu certo. É um niilismo pessimista, decadente, conformista e desesperado. O homem se esgota passivamente, e proclama: “Tudo é em vão”. A solução, para Nietzsche, é quebrar a forma homem, para dar lugar ao super-homem. Quebrar os valores morais com uma filosofia do martelo. Nietzsche-dinamite. Somente com a quebra dos valores dominados pelas forças reativas (expressadas nas três formas de niilismo precedentes) seria possível que a vontade afirmativa se associasse com a força ativa.

Esta vontade destrutiva está relacionada a uma vontade afirmativa; uma destruição afirmativa dos valores como única condição para se chegar à afirmação total da existência. Criam-se novos valores, também falsos, mas valores que afirmam a existência. É o momento em que a vontade atinge o máximo de potência – o niilismo ativo. Afirmar novos valores, falsos, já que não há valor verdadeiro, e afirmá-los na sua máxima potência. O niilismo ativo é a superação do próprio niilismo enquanto uma vontade negativa. É a associação da força ativa com a vontade afirmativa. É uma atitude alegre diante da certeza de que não existe nenhum valor verdadeiro ou absoluto, é um “dizer sim”, *amor fati*, afirmação dos acontecimentos, é a atitude trágica. Afirmar a vida e seus acontecimentos. Nada tem valor, mas tudo tem intensidade. É o casamento de Dionísio com Ariadne: abandonada pelas forças negativas e reativas – Teseu, o herói inteligente, negador da vida: ao invés de enfrentar abertamente o labirinto do Minotauro, vai precisar de um ardil, o Fio de Ariadne – ela vai sofrer, vai negar a si mesma, na sua meia-noite, vai buscar suicídio (niilismo passivo), mas vai superar este sentimento, e vai se transformar em afirmação. Eis que surge Dionísio, símbolo da vida e da afirmação, o próprio labirinto: afirmar a vida é afirmar o labirinto, é afirmar o caos. É notável que no pensamento de Nietzsche, a força reativa vence a força ativa: Teseu mata o Minotauro. Teseu nega a vida, e vence. Isso demonstra que, para Nietzsche, no homem comum é a força reativa quem domina. A solução é quebrar a forma homem para que novas potências do super-homem apareçam.

Passo agora a fazer uma análise generalizada sobre os ensinamentos de Don Juan Matus a Carlos Castañeda. Don Juan, um índio mexicano, tido como feiticeiro e *diablero*, oferece e proporciona a Carlos Castañeda uma porção de experiências estranhas, bizarras, e um tanto quanto perigosas. Estas experiências vão chocar Castañeda e vai fazê-lo questionar a realidade destas experiências, assim como disso que nós entendemos por realidade. Don Juan mostra, através de experimentações terríveis do corpo, que existe uma infinidade de possibilidades a serem conquistadas pelos homens, mas estes não o fazem porque se prendem ao mundo no qual foram criados, socializados, porque se prendem aos seus valores, seja a racionalidade ou a religião. Através destas experimentações e dos ensinamentos associados a estas experiências, Castañeda vai se chocar consigo mesmo, vai se quebrar. Estes

ensinamentos podem, quando pensados racionalmente, ser aglutinados sobre o nome de “O Caminho do Guerreiro”.

Em seus livros aparecem dois conceitos fundamentais, transmitidos por Don Juan: *tonal* e *nagual*. O *tonal* seria o conjunto de elementos que cada homem carrega estruturado (se é que isso pode ser dito) na sua subjetividade, é o lugar onde está o conjunto de signos, é um inventário de signos. O *nagual* é o conceito que faz alusão a um mundo que é real, mas que seria imperceptível ao homem comum; é uma realidade que se aproxima muito mais do caos do que da ordem. Penetrar no *nagual* seria o único meio para o homem “conquistar” o conhecimento. O *nagual* é o mundo onde o *tonal* se dissolve, ou seja, um mundo onde a estrutura do pensamento se dissolve, um mundo onde não há relação entre quaisquer elementos. É um mundo incognoscível, mas é o caminho para o conhecimento. Entrar no *nagual* é perigoso, corre-se sempre o risco de morte, portanto, é necessária uma estratégia, um aprendizado do corpo, não somente do intelecto.

É preciso que o homem aprenda com seu corpo e com sua mente antes de entrar no *nagual*. É preciso ter energia. O “caminho do guerreiro” consiste numa série de preceitos que, no fundo, ensina o homem a acumular energia. Sem energia o homem que se aventura no *nagual* se perde nele. O sistema do “caminho do guerreiro” tem como meta prática fornecer um meio para se desligar o diálogo interior, isto é, a meta é aprender a não racionalizar, a não raciocinar, é deixar o corpo agir. Para desligar o diálogo interior é preciso “apagar a história pessoal”, é preciso abandonar o conjunto de significados que damos ao mundo. Apagar a história pessoal é fundamental, e, para consegui-lo, outros três princípios são destacados: 1-) perder a noção de importância pessoal; 2-) assumir a responsabilidade pelos seus atos; 3-) usar a ideia de morte como uma conselheira. Vemos aparecer uma ética que visa destruir o próprio sujeito: o guerreiro é um ser sem história pessoal e que não tem importância própria. É preciso destruir o sujeito que se foi para poder internalizar um novo conjunto de valores que diz que o mundo é um mistério incompreensível, é preciso construir um novo sujeito, guerreiro, que sabe que é preciso saber abandonar os valores a cada segundo.

É preciso se abrir para o conhecimento, mas deve-se ter sempre a noção de que o conhecimento é uma batalha e um conquista. É preciso viver como um guerreiro, é preciso ser impecável; ser impecável é estar vivo, é estar em conexão com o mundo,

desligar a conexão com a mente, desligar o diálogo interior, assim como todo processo racionalizante. Aos poucos, o guerreiro aprende a *ver*, isto é, ver a energia do mundo fluindo livremente; ele aprende a sentir o mundo sem que seja necessário recorrer ao seu conjunto de signos. Seria uma quebra do processo de simbolização, ou o desenvolvimento de uma nova faculdade? Pouco importa, o que importa é que, neste sistema de pensamento, as relações do homem com o mundo, com o exterior a ele, se amplificam drasticamente. Neste sistema, o valor principal é estar aberto para todo e qualquer evento, ou acontecimento; o valor principal é saber que todos os valores que os homens constroem são falsos, e, ao mesmo tempo, saber que é o encontro entre esses infinitos falsos que constituem o caminho para o conhecimento. Conquistar o conhecimento é atingir novas potências, é alcançar novas possibilidades, é uma batalha mortal, é uma batalha para guerreiros. O guerreiro não raciocina, ele vive à espreita; é um espreitador: ele se joga no mundo sem nenhuma arma a não ser o próprio senso de oportunidade e o diálogo interior calado.

A questão do “homem do conhecimento” é organizar o seu *tonal*, torná-lo flexível e obediente para enfrentar o *naqual*. Ele sabe que todos os valores criados, que tudo pelo que o homem comum luta, e pelo que um dia lutou, são ilusões. Aparece aqui a tristeza do guerreiro: saber que se deve abandonar tudo aquilo pelo que, um dia, lutou-se. O guerreiro não abandona o mundo e a sociedade, passa a vê-los de outra forma. Passa a existir na sociedade sem ser capturado por ela. O seu *tonal* vai ser organizado tendo como referência o princípio de que qualquer modo de vida pode ser vivido pelo guerreiro. Don Juan passa 3 meses fingindo ser uma mulher, ao ponto de ser procurado por alguns pretendentes. Ou seja, a questão é não negar as formas de vidas humanas, mas poder viver em qualquer uma delas se for necessário (afirmar o falso, viver o falso). É o que Don Juan chama de “Loucura Controlada”. É preciso uma dose de loucura para conviver com a sociedade sem perder nada nela.

É irresistível fazer aqui uma associação entre os pares conceituais *tonal/naqual* e forças reativas/ forças ativas. Parecem estabelecer papéis análogos, funções análogas. Em Nietzsche, a força ativa é uma força conquistadora, avassaladora, plástica e criadora, ela é incontrolável quando dominante, ela não é consciente, ela não pode ser apreendida pela consciência; é a força reativa quem lida com a consciência. A força ativa seria uma força cuja essência seria a eterna mutação, a eterna transformação, uma busca e um risco de morte. Tanto a força ativa quanto o *naqual* nos remetem ao caos, há

uma forma de ver o mundo na sua natureza caótica, sem significado algum. Não digo que a força ativa é o *nagual*, mas me parece que existem semelhanças sedutoras entre um e outro. Ambos trazem o mesmo elemento diferencial *tonal/nagual*, reativo/ativo, preservação/transformação, obediente/comandante, escravo/senhor.

É possível ver muitas semelhanças entre as forças que aparecem em ambos os sistemas de pensamento – Nietzsche e Castañeda. Os estágios do niilismo parecem ressonar no processo de abandono da história pessoal. Em ambos os autores, é preciso destruir os valores previamente construídos como condição de superação.

É sob esta perspectiva que pretendo lançar problemas sobre a antropologia.

Afinal de contas me parece que a produção de um trabalho antropológico possui suas razões num plano bem imanente, como, por exemplo, na própria Academia. O que se passa na Academia? Quais relações podemos extrair de uma análise deste plano? Questões um tanto complicadas. Parece-me que podemos, pelo menos, pensar a formação de um antropólogo (de um Mestre, de um Doutor). O que está em jogo para um antropólogo em formação (se é que existem antropólogos que não estejam em formação)? Claro que para cada um será diferente a resposta, mas me parece ainda que a questão fundamental é a carreira. Acredito que quase todos os antropólogos estão interessados visceralmente na construção de uma carreira de sucesso. Quero dizer apenas que os antropólogos também inventam e preservam seus valores. Citei apenas um, mas poderia se falar também em reconhecimento, em vontade de conhecer, interesse econômico, etc...

Um segundo elemento a ser analisado é o próprio fazer etnográfico. Para se realizar uma pesquisa é preciso um projeto, que será um modo de dizer, e sustentar, o que se busca de antemão na pesquisa. O problema em questão já é conhecido: vamos para o campo com certas ideias, certas categorias, mas daí percebemos que elas muitas vezes não servem para pensar o objeto. Seria preciso pensar o quanto da nossa própria carga de estudos, e também da orientação, não nos condicionariam a pensar de determinado modo antropológico demasiado antropológico. E, se posso ousar dizer isso, o quanto a “loucura controlada” não nos ajudaria enquanto etnógrafos? Não seria necessário dominar a arte de abandonar o próprio pensamento enquanto uma forma e

um modelo? Não é preciso liberar as formas do próprio pensamento, ou melhor, o próprio pensamento da sua forma?

Um terceiro ponto que gostaria de levantar é relativo à teoria antropológica. Na verdade se trata de levar um pouco a sério os modos de conhecimento que aparecem em Nietzsche e Castañeda (falo deles porque os leio, sei que existe uma infinidade de pensadores que trazem problemas e conhecimentos semelhantes). Pensar na possibilidade de analisar o processo de significação do mundo, da natureza, da realidade, por uma via menos científica, mas de maior intensidade. Poderíamos pensar também “o que é o homem?”. Não seria pura potência e infinitas possibilidades? E o campo social, o que seria? Não seria algo a ser sempre superado? A antropologia também é uma inventora de valores, de povos, de territórios, e nisso ela é sempre renovadora.

A minha proposta é um tanto utópica e desarrazoada. É simplesmente pensar o nosso trabalho como uma aventura. Uma aventura antropológica. Uma aventura que nos permita percorrer novos caminhos e tocar as diferentes formas, já manifestadas, dessa potência homem. Para isto, seria necessária uma nova espécie de pesquisador, que seja capaz de abandonar a si mesmo. Quem de nós é capaz de abandonar a própria carreira, ou objeto, ou afins? Talvez seja uma proposta muito radical, mas vejo que ela pode servir como uma espécie de valor para o etnógrafo. É preciso se abrir para o conhecimento, é preciso abandonar a própria história. Não tenho ideias de que tipo de obra nasceria de um antropólogo aventureiro. Apenas vislumbro, extasiado, essa possibilidade. Talvez, este tipo de antropólogo esteja mais apto a seguir os afetos (mas fazer etnografia pode ser entendido como seguir afetos?), e, assim, menos preso às questões preconcebidas no projeto. Um antropólogo aventureiro seria um antropólogo com instinto de caçador, seria um caçador estrategista. Na prática, este tipo de proposta parece ilusória, não que não seja, mas talvez seja uma ilusão digna de retornar eternamente. E se é uma ilusão, talvez seja uma boa ilusão para acompanhar os antropólogos em suas viagens. Não dou nenhuma resposta, estas questões servem para pensar, e para abrir caminhos para uma antropologia – e aqui quero dizer *para um antropólogo* – que busque o novo, que vá em busca do “mistério”, que vá em busca daquilo sob o qual o intelecto parece tropeçar, que vá de encontro ao inexplicável. Não para encontrar a verdade, ou o modelo teórico mais justo, mas para percorrer caminhos e possibilidades.

Referências Bibliográficas

- CASTAÑEDA, C. **The Teachings of Don Juan (a Yaki Way of Knowledge)**. Berkeley: University of California Press, 2000.
- _____. **Uma Estranha Realidade**. Rio de Janeiro, Record, 1971.
- _____. **Viagem a Ixtlan**. Rio de Janeiro, Record, 1972.
- _____. **Portas para o Infinito**. Rio de Janeiro, 1974.
- _____. **O Presente da Águia**. Rio de Janeiro, 1981.
- _____. **O Fogo Interior**. Rio de Janeiro, 1984.
- _____. **A Arte do Sonhar**. Rio de Janeiro, 1993.
- DELEUZE, G. **Nietzsche a e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- _____. **Mistério de Ariadne segundo Nietzsche**. In: **Cadernos Nietzsche nº20**. GEN, São Paulo, 2006.
- LEVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. Papirus, Campinas, SP, 1989.
- _____. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naify, 2003.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- _____. **O Anticristo: Maldição ao Cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Gaia Ciência**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- _____. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.